



Rádio Fique Ligado: experiências educomunicativas na escola pública¹

José Feliciano de Lima Júnior²
Mirian Moema Filgueira Pinheiro³
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO:

Este artigo surge a partir das experiências vivenciadas no projeto de extensão “A formação de educomunicadores no espaço escolar: contribuições para uma pedagogia das mídias”, realizado pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo a orientação da professora Dra. Mirian Moema. Atribuindo como campo de análise a Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcante, Natal, RN, na qual foram realizadas atividades didático-pedagógicas, através da rádio escolar “Fique Ligado”.

PALAVRAS-CHAVES: Educomunicação; Rádio; Comunicação; Educação.

Comunicação Social e Educação: um diálogo necessário

Pensar em comunicação social como dualidade e dialogicidade, ou seja, pensar no outro, para além de receptor, e, entender esse outro como “interactor” na ação da comunicação, torne-se o caminho mais viável para uma verdadeira comunicação e não informação, enquanto ato de informar, sem dialogicidade. É neste sentido, que a comunicação mostra-se inerente a vida humana e a seu desenvolvimento social. O entendimento por educação também não pode ser diferente, se entendemos os sujeitos como construtores e transformadores da realidade, percebemos que o processo educador é constante e vai além das salas de aula, que o “educar” de educandos e educadores está interligado com as mais diversas formas de estar no mundo, e, uma delas é a comunicação, desde o diálogo entre pais e filhos, até o jornal que os mesmos assistem.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da UFRN, e-mail: josefeliciano13@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFRN, e-mail: moemapinheiro@uol.com.br



A comunicação como agente educador está nos meios e nas mídias, está nas salas de aulas e nas ruas. Está sempre em transição, assim como os seres sociais estão em constante transformação. Nessa perspectiva, não podemos separar comunicação e educação, pois não separamos o apreendido do aprendido e nem o educador do educando. É na transdiscursividade entre comunicação e educação que encontramos as suas semelhanças enquanto produtores de conhecimentos. Partindo da demanda, da busca e da emergência de novos estudos sobre essas áreas, surge a Educomunicação.

A Educomunicação enquanto campo de atuação e processo metodológico, que por sua vez, se caracteriza por criar “ecossistemas comunicativos em espaços educativos”, qualificados como abertos e criativos através das denominadas “áreas de intervenção”, das quais destacamos a área da “educação para a comunicação” e a área da “mediação tecnológica”. Desse modo, consideramos importante fazer algumas explicações sobre o conceito de ecossistema comunicativo que recebe influência de duas outras noções. Segundo (SOARES, 2011, p.43), “a primeira está ligada à noção de unidade da natureza advinda do holismo e a segunda vincula-se a noção de sistema”.

Para (SOARES, 2011, p.44), atribui um novo sentido ao conceito, quando afirma: “estabelecemos como sendo algo a ser construído, no horizonte do devir: um sistema complexo, dinâmico e aberto, conformado como um espaço de convivência e de ação comunicativa integrada”. Salienta o autor que sua concepção aproxima-se mais da imagem propiciada pela ecologia, pois, assim como “no meio geofísico-biológico também no meio social existem sistemas áridos, fechados de interconexões, tanto quanto sistemas ricos e intensos de expressão vital”. Já as áreas de intervenção, de acordo com Soares (2011, p. 47) “são as ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos sociais passam a refletir sobre suas relações no âmbito da educação.”

A primeira dessas áreas, a mais antiga e fundante é a “educação para a comunicação”. Seguem outras como: a mediação tecnológica nos espaços educativos; a pedagogia da comunicação; a gestão da comunicação no ambiente escolar e a reflexão epistemológica sobre a prática em questão. Em outras palavras, o autor afirma que as áreas de intervenção do campo da educomunicação são, sobretudo, “pontes” lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia, da escola e do terceiro setor. Em qualquer um desses casos, “a intervenção” significa o novo.

Assim sendo, compreendemos que a educomunicação atinge um espectro maior, abrangendo conceitos como dialogicidade, democracia, expressão comunicativa, gestão



compartilhada da informação. Surge como um novo campo de conhecimento que ganha relevância dada à condição que apresenta de enfrentar conforme Soares (2011, p. 52) o novo “modus comunicandi”, suficientemente adequado para uma revisão do sentido da ação comunicativa presente no ato educativo.

Ao falarmos em educomunicação estamos nos referindo a um novo campo de saber cujo objetivo, metodologia e conteúdo diferem essencialmente tanto da educação escolar quanto da comunicação social, enquanto campos distintos. Discutir as inter-relações dos diferentes saberes que se fundem na Comunicação e Educação e investigar os fundamentos desse campo, constitui os principais objetivos teóricos desse novo campo. Precisamos, portanto, entender que os conteúdos trabalhados na educomunicação estão voltados para o que sentem e pensam as pessoas sobre si mesmas, os outros e o mundo em que vivem.

Se entendermos por método, os caminhos escolhidos pelo sujeito em suas relações contínuas com o objeto na busca do conhecimento e na construção dos saberes, podemos dizer que a metodologia adotada na Educomunicação caracteriza-se não pelo interesse em respostas supostamente definidas, mas pelo aguçamento das contradições. Alterar a realidade em que estamos inseridos é o principal objetivo da educomunicação.

Sabemos que não faz muito tempo que Educação Escolar e Comunicação Social eram consideradas áreas diferentes com funções definidas, especificidades próprias bem a gosto do cientificismo presente nas sociedades dos últimos séculos, atendendo aos interesses dos grupos organizados a elas pertencentes. Não é intenção nossa empreender uma discussão sobre as áreas em questão. Não há absolutamente nenhum desdém quanto a esse procedimento. De modo algum estamos desmerecendo o trabalho investigativo dos pensadores que adotam esses procedimentos, pois sabemos como são importantíssimos.

O termo Educomunicação em princípio parece uma mera junção de Educação e Comunicação, mas, na realidade não une apenas as áreas, mas destaca de maneira significativa um terceiro termo “Ação”. É sobre ele que recai a tônica quando a palavra é pronunciada, dando-lhe assim, um significado particularmente importante. Educação e/ou Comunicação – Educomunicação – são formas de conhecimento que têm na ação o seu elemento inaugural. Um espaço no qual transversa saberes historicamente construídos.

A Educomunicação trata-se, portanto de um campo de ação política entendida como o lugar de encontro e debate da diversidade de posturas, das diferenças e



semelhanças, das aproximações e distanciamentos. É uma área por excelência de transdiscursividade. Mas não só isso. È um espaço político entendido como campo de ação prática. A ação se desenvolve nesse campo de multirrelação e é política, porque ela se dá essencialmente num espaço de realizações. “Processo” é a palavra que melhor define e caracteriza a Educomunicação enquanto lugar de ações políticas. Isto porque, em praticamente todos os sentidos, o termo é o que de forma mais completa expressa a ação conjunta dos sujeitos sociais na prática da educomunicação. Enfim, processo é o enquanto, o durante, o entre a complexidade da ação educacional.

O que equivale dizer que não é, prioritariamente, o produto que interessa. Não é o resultado pronto, acabado bem ao gosto dos mercados e lojas que vivem da venda desses produtos. Não é a consequência de um processo ou produção como conjunto de pequenas partes ou pedaços que se juntam no final. Não tem nada a ver com o modelo industrial, nada a ver com a suposta vontade de consumo e mercado capitalista.

È o processo rico em detalhes, ao mesmo tempo cheio de incongruências, compreensível e difícil de entender, atraente, fascinante. É um processo certamente denso que vale a pena ser vivido e registrado. É neste sentido que a Educomunicação é campo de entendimento, portanto discurso, e também de prática, portanto político.

Contudo, não estamos falando de algo mágico que surge da boa vontade das pessoas. Não se trata de algo espontâneo. Não é o caso de se juntar um grupo de pessoas em torno de um equipamento de mídia para produzir um programa de rádio por exemplo. Produzir peças de comunicação não significa fazer educomunicação. Não se trata de mais um espaço em que o senso comum predomine. Ele é importante somente na medida em que permite a cada um de nós buscarmos compreender os motivos que estão fundamentando cada uma de suas afirmações.

Entendemos que para realizar práticas Educomunicativas, na medida em que isso quer dizer construir um novo discurso é experimentar outra forma de convivência social. É essencialmente diferente porque o tipo de relações sociais estabelecidas nos grupos é intencionalmente horizontal. Nessa proposta de organização social não há e nem pode haver a figura do estrategista definindo, delimitando ou inventando ações. Quem estabelece as estratégias são os participantes do grupo, tendo em vista os motivos que os levaram a se agrupar. O tipo de gestão que caracteriza a Educomunicação é a cogestão. Apostamos na condição de autonomia dos indivíduos, dos grupos, que as pessoas se constituam autoras de sua existência individual e coautoras de nossa existência social.



Rádio Fique Ligado: contribuições educacionais no ecossistema escolar

Novos modelos pedagógicos são discutidos desde o século passado e suas influências são múltiplas e interdisciplinares. Uma teoria que muito influenciou novas formas de encarar o mundo é a tese do pensamento complexo de Edgar Morin (1991), na qual o autor francês desenvolve o paradoxo do uno e do todo, defendendo que o todo está contido nas partes e que por isso não se pode compreender o pensamento complexo a partir de uma perspectiva reducionista.

Sendo assim, como é possível aprender em uma escola que ainda reproduz o pensamento reducionista, que propõe a fragmentação, a unicidade, a parte, e, mais ainda, um pensamento linear que é dissociado do todo? Até a própria estrutura geográfica da sala de aula reproduz isto, com carteiras enfileiradas umas atrás das outras e com o professor em um palanque, com aulas com horários nada flexíveis (normalmente de 50 minutos), “fundados numa psicologia cognitiva que supõe a linearidade e as hierarquias de saberes” (Ramal, 2002, p. 183). E, então. Como buscar novas possibilidades de rever essas práticas?

A experiência com a rádio escolar foi se encaixando com o currículo pedagógico tradicional e se transformando conforme as necessidades, o momento e o contexto, o interesse dos alunos e os objetivos educacionais, abordando os conteúdos necessários de forma menos linear e hierárquica. Neste novo formato deverá haver uma interconexão entre os saberes, uma maior liberdade e o trabalho coletivo será a forma de atuação entre educadores e educandos. Nesta proposta, a influência das tecnologias da comunicação e informação atuaria como agente facilitador de um processo anterior. Isso mostra que os discursos próximos da realidade dos alunos auxiliam na integração das múltiplas competências dos educandos e no gerenciamento dos processos de construção cooperativa do saber. A rádio Fique Ligado tornou-se agente de transformação dentro do ambiente escolar, desconstruindo barreiras entre os sujeitos e suas relações.

A sala de aula transforma-se em laboratório, o professor atua como um facilitador, instigando a curiosidade, não mais apresentando conteúdos fechados e definitivos. A construção do saber, feita de forma colaborativa, modifica-se se tornando polifônica. Ou seja, as afirmativas de Paulo Freire de que “ensinar exige respeito aos saberes dos alunos” (Freire, 2007, p. 30) e de que “ensinar não é transferir conhecimento” (Freire, 2007, p. 47).



Assim sendo, podemos dizer que esta vivência tem um diferencial que diz respeito à ênfase que é dada a aprendizagem e não ao produto final que tradicionalmente é computado ao resultado das provas. Desse modo, entendemos que as novas tecnologias podem funcionar como base de apoio a estas mudanças, embora saibamos que existem outros aspectos. As novas práticas, portanto, devem ocorrer primeiramente na estrutura da escola, antes de partir para o aspecto tecnológico e suas possibilidades.

A mídia radiofônica é uma ferramenta que pode ser utilizada, mas o importante e providencial está na mudança do pensamento do ensinar para o educar, pois são conceitos diferentes. O ensinar está voltado para a organização de uma série de atividades didáticas para ajudar aos alunos a compreender áreas específicas do conhecimento. Na educação, o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade do mundo em que vive, e que nele transforma. A rádio escolar reconfigura o cenário da escola, mas, acima de tudo, traz outros significados para a prática pedagógica.

Para desenvolver o projeto de extensão “A formação de educadores no espaço escolar: contribuições para uma pedagogia das mídias”, realizado no ano de dois mil e treze, na Escola Estadual Francisco Ivo Cavalcante, situada em Natal, RN, tendo a orientação da professora doutora Mirian Moema (Departamento de Comunicação Social, UFRN), sendo base para a construção deste artigo. Os educandos eram cursistas do ensino médio, tendo entre quinze a dezoito anos. Nesse projeto, adotamos a metodologia de minicursos em áreas distintas, a partir das quais trabalhamos com práticas educativas dialógicas, utilizando-se das mídias como instrumento de ampliação da expressão cidadã, bem como ferramenta didático-pedagógica.

Para tanto, desenvolveremos minicursos, enquadrados em ações de extensão interligadas. Cada minicursos teve duração de oito horas, e contará com o fornecimento de material de apoio (impresso e digital), como forma de clarificar as ideias sobre a Educomunicação e sobre como implementá-la nas escolas. Segmentamos os minicursos em quatro módulos, a saber: Módulo 1 - A Educomunicação e o audiovisual no contexto da escola, Módulo 2 - A Educomunicação e o rádio escolar, Módulo 3 - A Educomunicação e as mídias digitais, Módulo 4 - A Educomunicação e o jornal impresso escolar e Módulo 5 – A fotografia enquanto prática educacional na escola.

Nesse sentido, o projeto caminhou para o desenvolvimento de um conjunto de atividades educacionais, bem como difundindo as práticas de leituras midiáticas,



qualificando a comunidade escolar para que assumam a função de educadores capazes de ler e produzir mídia, entrelaçando esse novo saber aos diversos projetos de ensino e extensão da escola. O presente artigo traz como ênfase a experiência observada no módulo dois, no qual utilizou-se a mídia radiofônica, tido como preferencial pela escola e seus participantes, entre os outros módulos.

Analisando o módulo dois, de forma qualitativa, interpretativista, voltada para a compreensão discursiva da prática educacional. Vivenciamos e lançamos nosso olhar tanto para os sujeitos participantes quanto para os contextos e cenários em que se constroem as práticas, durante os oito encontros do módulo dois, contabilizando vinte e quatro participantes, entre professores, estudantes e servidores administrativos da escola, observamos a construção coletiva do diálogo sobre a educação, que é vista como um dos caminhos para a transformação do ambiente educativo pelos participantes. O trabalho coletivo rendeu novos entendimentos das formas de relacionamento. A rádio só funcionava quando todos trabalhavam juntos, nesses espaços surgiram novos debates como autogestão e cooperação, construindo novas realidades e novas posições políticas enquanto cidadãos.

A construção discursiva observada na mídia radiofônica e na prática educacional aponta que as marcas dialógicas se estendem para a busca do relacionamento entre os sujeitos (educadores e educandos), entre os diversos saberes escolares (transdisciplinaridade) e a relação entre as diferentes mídias (transmídiação). Nessa perspectiva, a tecnologia e a comunicação não devem acabar com a escola, mas transformá-la para atender a verdadeira tecnologia social do mundo, como nos lembra, Paulo Freire.

Nas ondas do rádio: em busca de uma outra comunicação e educação possíveis

Vivemos num mundo onde as novas ferramentas de comunicação exigem novos conhecimentos. Os jovens, de modo geral, são extremamente sensíveis às comunicações. Sabem pilotar as mais diversas máquinas, não têm medo de apertar botões, nem de descobrir as funções que essas máquinas oferecem. São protagonistas desse mundo de imagens, sons e textos que se complementam numa intertextualidade baseada na interlocução. Configura-se um panorama novo que requer uma educação motivadora, participativa que seja capaz de ganhar força à medida que possibilite ao educando o domínio de várias formas de linguagem, para que possa transformar o meio



em que vive, familiarizar-se com técnicas, instrumentos e interagir com os meios de comunicação, desenvolvendo habilidades de criar textos e intertextos e refletir sobre sua realidade.

Entendemos a mídia radiofônica educacional como um campo de reflexão/ação que une as áreas de educação e comunicação, apresentando-se sob a forma de leitura crítica dos meios, produção coletiva de comunicação, através de uma pedagogia inovadora. A iniciativa decorre da demanda que emerge no contexto da sociedade da informação, tanto na esfera da educação formal como na não formal e informal. É importante que estejamos sintonizados com essa emergente área de conhecimento que opera a intervenção em espaços educativos, e visa, sobretudo, a produção coletiva de comunicação devolvendo nos atores sociais o direito humano de se expressarem sobre os temas que julgarem oportunos.

Em outro nível, a questão da leitura não deve estar condicionada à ideia de que sua fomentação está aliada somente à formação de alunos leitores. É necessário que os professores estejam habilitados para a prática da leitura em todos os suportes. Sendo assim, buscaremos adotar os referenciais teóricos e práticos dessa nova área de conhecimento - a Educomunicação -, hoje amplamente utilizada nos círculos educacionais, inclusive com cursos de graduação já consolidados, bem como bases de pesquisa implementadas com projetos exitosos em andamento.

As práticas educacionais nos círculos escolares como uma contribuição para o desenvolvimento de uma pedagogia das mídias, isto é, uma proposta que reúna outras atividades de ensino que venham somar às recomendações do Ministério da Educação - MEC quanto aos parâmetros curriculares. Tais parâmetros entendem que existe o impacto das tecnologias na vida dos educandos e educadores, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social. A rádio escolar é um dos elementos que complementam as interações sociais do cotidiano, que trazem consigo o espaço comunicativo, entendido como direito humano dos cidadãos.

Assim, concluiu-se que a rádio escolar pode ser um instrumento de mediação ao conhecimento, e, produção do mesmo. A mídia radiofônica além de excelente narrativa didática, apresenta outra dinâmica mais atraente, com novos estilos, linguagens e formatos diversos. Observou-se também que, com a rádio escolar, o estudante passa a ser protagonista do seu processo de desenvolvimento, isto é, amplia a sua capacidade de interferir de maneira ativa em âmbito escolar e social. A educação possibilita os educandos e educadores aprenderem praticando, na ação colaborativa e reflexiva, se



redescobrimo como sujeitos capazes de produzir comunicação radiofônica de forma solidária e coletiva. Os espaços antes tidos como autoritários e fechados, foram revistos e resignificados a parti dos lugares onde os sujeitos se encontravam, um mesmo lugar, onde todos tinham voz.

A leitura crítica dos meios de comunicação proporciona aos cidadãos outra visão, vista com novos olhares, por novos ângulos. A mídia radiofônica não é um mero instrumento de comunicação, mas a mediação e midiatização das relações sociais. É um ecossistema educacional em constante transformação, desenvolvendo o vocabulário, socializando os aprendizados, estimulando a interatividade e apropriação da comunicação enquanto direito humano.

REFERÊNCIAS:

CITELLI, A; Costa, M. C. C. (orgs). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 8 ed. São Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional e a aplicação - contribuições para a reforma do Ensino Médio.** São Paulo: Paulina, 2011.

ALAVA, S. (Org.) **Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?** Porto Alegre: Artmed, 2002.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo.** Rio de Janeiro: Editora Elfos, 1995.
CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização,** Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

CITELLI, Adílson. **Linguagem e persuasão.** São Paulo: Ática, 1985.

Edgar Morin, **O paradigma perdido.** Publicações Europa-América, 1991.

COSCARELLI, Carla Viana, e RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento Digital: Aspectos Sociais e Possibilidades Pedagógicas.**

FREIRE, P. **Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade em educação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GHIRALDELLI JR., P. (Org.). **O que é filosofia da educação?** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1998.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1991.



MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre, Artmed, 2002.

SANDHOLTZ, J. H., Ringstaff, C., Dwyer, D. C. **Ensinando com tecnologia**: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SAVIANI, D. **Educação do senso comum à consciência filosófica**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

SOARES, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional e a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulina, 2011.

VALENTE, José A. **Computadores e conhecimento**: repensando a educação. Campinas: Unicamp, 1993